

MEMÓRIA E TRABALHO NO MUNDO CAMPONÊS POMERANO

ISABELLA FERREIRA CARDOSO¹; CARMO THUM²;

¹*Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – isacardoso.xx@gmail.com*

²*Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – carthum2004@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa trazer como proposta de discussão problematizações a partir de narrativas de adultos que abordam as relações de trabalho agrícola e as relações que estão implicadas no ambiente rural, a partir da rememoração dos tempos da infância. A principal intenção é buscar entender a inserção dos sujeitos do campo, quando ainda na condição de crianças, no mundo do trabalho agrícola familiar e qual a apropriação que a infância faz do espaço do trabalho. As narrativas evidenciam elementos da memória e da cultura que perpassam e sinalizam as ações destes sujeitos envoltas de saberes culturais locais. Por meio de material coletado pelo Núcleo de Extensão-Pesquisa-Formação Educamemória (IE/FURG), tratando-se neste caso, especificamente de narrativas de tempos antigos vividos, através de parceria com escolas do campo, estas análises são desdobradas. Neste escrito nos detemos a análises de material advindo de pesquisa de campo realizada na escola Wilson Müller (Pelotas/RS).

2. METODOLOGIA

O material de análise consiste, textos narrativos sobre a temática do mundo rural realizados por alunos da Escola Municipal Wilson Müller, situada na colônia Triunfo (4º Distrito de Pelotas/RS). Estes textos tratam-se de entrevistas feitas aos pais e familiares dos alunos, acerca da temática “histórias antigas” e de sínteses de conteúdos realizadas pelos estudantes.

Nossas análises atentam-se para as relações de trabalho e educação, bem como a relação entre trabalho e infância, a fim de buscar entender a inserção das crianças no trabalho agrícola familiar a partir da memória narrada e quais implicações remetem-se na produção de um saber camponês. Assim como as relações causais desses nos modos de raciocínio para a vida de trabalho e as relações sócio-morais delas derivadas.

O material é fruto de pesquisa de campo realizada na escola, a qual se constituiu a partir de perguntas sobre histórias antigas aos familiares dos alunos. Após a entrevista realizada pelos alunos, o material coletado foi digitalizado, o que permitiu a sistematização das ideias apresentadas e a partir das temáticas mais recorrentes abranger o tema das relações de trabalho e educação para esta análise. A categorização dos dados está constituída nos critérios de categorização, seleção, desmonte e captação do que fora entendido como significativo para análise e desenvolvimento deste trabalho, com base na metodologia de Análise Textual Discursiva (MORAES, 2007).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Obtendo como resultado uma série de indagações possíveis que acarretam este universo de trabalho agrícola familiar, tentar reconhecer onde se dá a aprendizagem do trabalho camponês é uma das vertentes que nos levam a enxergar caminhos de uma tradição cultural e a experiência do cotidiano como

modo de um aprender-fazer. A lógica educativa da cultura propicia o diálogo com aqueles que já possuem o saber almejado. A dinâmica do trabalho agrícola familiar, que evidencia saberes tácitos se relaciona com a discussão do modo de ser cultural, tendo em vista que as duas vertentes estão implicadas, pois o raciocínio instrumental acaba por orientar a lógica das relações sociais, e movimentar-se a partir de dinâmica específica e categorizada pelo trabalho em conjunto com fins de retorno de recolhimento de material para própria subsistência. A fala de um depoente nos deixa clara essa relação: “(...) Então eu estava ajudando meus pais a ensacar batata inglesa e após ensacar eu estava em cima da carroça. Eu e meu avô estávamos levando as batatas para um armazém. (...)” (WM-2012- 01).

Ao passo que as relações com o mundo do trabalho educam o saber-fazer, compreendemos também que as relações de aprendizagem acontecidas no interior das práticas vivenciadas se constituem de lógicas orientadoras de relações sociais mais amplas, orientando os sujeitos nas práticas sócio-políticas locais. Permitindo as noções de socialização destas infâncias narradas a amplitude do sentido pedagógico da ação, a partir, tanto do que é apresentado pelos depoentes, quanto dos entrevistadores que (re)visitam memórias e práticas que acabam por se assimilar com práticas recorrentes, também, atualmente, como o participação das ações agrícolas familiar. Por meio das histórias antigas vividas obtemos relatos a respeito de aprendizagem, socialização, vivência por meio do coletivo o que torna mais claro, na prática, a partir da narração esses movimentos aos quais atrelamos as nossas análises.

4. CONCLUSÕES

Ao entrar em contato com a fala de adultos a partir da rememoração de suas infâncias e as atividades que eram exercidas neste momento de suas vidas, nos deparamos com uma lógica de trabalho que implica razões de caráter específico – no contexto camponês –, e que, não necessariamente, é explicado pelo advento econômico destas ações, como nos sugere Stropasolas (2012). As motivações das relações das crianças e jovens com o mundo do trabalho agrícola familiar, a partir de um olhar sociológico, está além de um caráter exploratório por parte dos pais, isso tendo em vista o modo de organização de vida que essas famílias aplicam as suas atividades.

Consideramos pertinente pensar nessas relações a partir de problematizações e problemáticas colocadas por processos que envolvem o fazer/produzir/analisar narrativas e memórias. Como o ato da memória se manifesta a partir da ação dos que narram, “um pedaço de passado moldado às medidas do presente” (Candau, 2011, p. 122). A rememoração de um tempo vivido, com marcas específicas que acaba por deflagrar ações, relações e práticas que determinaram a infância destes sujeitos, assim como, possivelmente, serviram de base e conhecimento para suas vidas adultas hoje, são amostragens que podem ser identificadas a partir do material de análise. Além de, com o advento do processo de narrar, este instrumento formativo de reconhecimento histórico tem função educativa da cultura.

Podemos compreender que a memória como instrumento de análise cumpre duas funções: significar o presente, e propiciar a recuperação do passado como um caráter formativo. Nestes ensejos da memória apresentam-se características cruciais para a comprovação destes tempos vividos a medida em que constituem-se elementos recorrentemente semelhantes nas falas dos

entrevistados que acabam por servir como conteúdos de fomento a reinvenção da cultura. E neste momento a recorrência de falas tanto do modo de produzir, ou do modo de se relacionar com o trabalho e vínculo familiar, evidenciam características teóricas inerentes as ações práticas.

Ao passo em que há a constituição de um saber-prático a partir da experiência da ação de inserção da criança camponesa no mundo do trabalho da agricultura familiar por obra da vida cotidiana, o ato de propor a infância uma rememoração dos tempos de infâncias de pais e avós a partir de uma explicitação das atividades que exerciam momentos de suas vidas proporciona um encontro com o modo de produção e de viver no espaço da cultura mesma e uma avaliação crítica da mesma com vistas a um futuro.

Importante compreender que a divisão social do trabalho familiar agrícola e sua organização abarcam um caráter peculiar que perpassam noções de hierarquia. Nas falas das narrativas isso torna-se evidente, principalmente ao reconhecer que o

(...) processo de aprendizagem não se realiza separadamente das atividades produtivas, nem ocorre em lugares diferenciados do ambiente cotidiano de trabalho que sejam destinados exclusivamente aos aprendizes, particularmente, às crianças (STROPASOLAS, 2012, p.269).

Compreender, por um viés sociológico, as relações do mundo familiar agrícola, percebe-se que própria organização familiar propõe estes momentos de aprendizagem. Dessa maneira se faz necessário, reconhecer empiricamente que

aprender e ensinar fazem parte do mesmo contexto social de ação em que ocorrem as atividades da vida cotidiana da comunidade e da unidade produtiva familiar, e no qual os sujeitos se inserem de forma diferenciada em função das suas possibilidades de participação e dos seus objetivos. (STROPASOLAS, 2012, p.269).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDAU, J. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

MORAES, Roque. **Análise textual discursiva** / Roque Moraes, Maria do Carmo Galiazzi. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

STROPASOLAS, V. L. Trabalho infantil no campo: do problema social ao objeto sociológico. **Revista Latino-americana de Estudos do Trabalho**, Ano 17, nº 27, 2012, 249-286.